

ANÁLISE DOS IDEAIS LIBERTÁRIOS PRESENTE NOS PERIÓDICOS *A LANTERNA* E
*O DESPERTAR*¹

ANALYSIS OF LIBERTARIAN IDEALS PRESENT IN THE JOURNALS *A LANTERNA*
AND *O DESPERTAR*

Sueder Souza²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar fragmentos literários presentes nos periódicos *A Lanterna* e *O Despertar*, de cunho libertário, que circulavam na cidade de São Paulo e Curitiba. O discurso presente nas publicações das narrativas *Contos Extraordinários - Do Além-Túmulo* (1909-1910) e *O Asno na Lua* (1909-1910), que foram publicados em partes, em forma de colunas, no decorrer das publicações dos periódicos, representam as narrativas da resistência do ponto de vista científico e tecnológico no pensamento libertário. A resistência presente nos fragmentos analisados acaba ainda, influenciando seus ideais em relação ao pensamento libertário, acerca do trabalho, luta anticlerical, nova escola, militarismo e todo conjunto de ideais que caracterizam a nova sociedade ácrata.

Palavras-chave: A Lanterna. O Despertar. Pensamento Anarquista Brasileiro.

Abstract: This work aims to analyze literary fragments present in periodical *The Lantern* and *The Awakening*, libertarian slant, which circulated in the city of São Paulo and Curitiba. This publications *Extraordinary Tales of narrative discourse - From Beyond the Grave* (1909-1910) and *The Donkey In The Moon* (1909-1910), which were published in parts, in the form of columns, in the course of the publications of journals, representing narratives of resistance of the scientific and technological point of view in libertarian thought. This resistance in the analyzed fragments still end up influencing their ideals regarding libertarian thinking about work, struggle anticlerical, new school, militarism and every set of ideals that characterize the new anarchist society.

Keywords: The Lantern. The Awakening. Brazilian Anarchist Thought.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar representações de ciência e da tecnologia presentes nos periódicos *A Lanterna* e *O Despertar*, de cunho libertário, que circulavam na cidade de São Paulo e Curitiba. Analisaremos, especificamente, o discurso presente nas publicações das narrativas *Contos Extraordinários - Do Além-Túmulo* (1904-1905) e *O Asno na Lua* (1909-1910), que foram publicados em forma de colunas, no decorrer das publicações dos periódicos citados, representando as narrativas da resistência do ponto de vista científico e tecnológico no pensamento libertário.

¹ Pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Letras Português e Inglês Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba. Email: swedersouza@gmail.com

A resistência presente nos fragmentos analisados dialoga, também com outros ideais libertários, acerca do trabalho, luta anticlerical, nova escola e militarismo, o qual a imprensa operária retratava através dos seus periódicos.

A imprensa brasileira, de cunho operário, deu seus primeiros passos no final do século XIX, repercutindo as primeiras décadas do século XX, onde a militância anarquista participou ativamente para seu desenvolvimento. A imprensa operária anarquista nasceu de ligas e associações de trabalhadores, que organizavam os jornais, bem como as publicações que saíam na imprensa. Estas geralmente eram de autoria dos operários e tinham por objetivo privilegiar o conhecimento popular, sem dar espaço para a estética textual, e sim atribuir valor a experiência coletiva através da sua circulação.

Nesta produção textual operária, era comum o anonimato como forma de fortalecer a ideia de ser o povo o próprio autor. Ainda, outro objetivo da imprensa operária, estava focado em conscientizar o trabalhador, objetivando certa revolta popular.

As ações que permeavam o movimento anarquista libertário, narradas através dos jornais, refletiam em críticas diretas sobre as condições de vida e de trabalho na sociedade capitalista e tinha ainda, como tarefa, o intuito de promover a reflexão a respeito de alguns parâmetros para a formação do novo homem para a nova sociedade.

Segundo Woodcock (2007) as práticas da propaganda social significavam para os anarquistas e libertários, uma forma de ação e de debate para a formação de consciências autônomas, críticas e libertárias. Sem ela seria impossível à formação do homem novo, livre, autônomo, crítico e sujeito ativo na suplantação da velha pela nova sociedade a ser criada.

Então, a imprensa anarquista munida de ações inovadoras, como a publicidade através de seus artigos, crônicas, músicas, fotografias, anúncios cinematográficos, demarcou um campo de disputas para a conquista do povo, e uma nova perspectiva para as classes populares, constituída por uma nova linguagem. Era a nova imprensa na modernidade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A coleta dos dados se deu em duas etapas, a primeira, o levantamento do periódico *O Despertar* na Biblioteca Pública do Paraná, cabendo ao orientador Professor Gilson Queluz, complementar a pesquisa no acervo do AEL na Universidade Estadual de

Campinas, devido a falta de dois volumes. A segunda etapa, foi pesquisar na base online de periódicos da Biblioteca Nacional, o periódico *A Lanterna*.

Conforme a narrativa intitulada *Contos Extraordinários*, publicada pelo periódico *O Despertar* foi sendo analisada, surgiu à ideia de contrapor a narrativa libertária escolhida com outro periódico, de outro estado. O periódico escolhido para compor a outra parte do *corpus* desta pesquisa, foi *A Lanterna*, do estado de São Paulo. Este periódico foi pesquisado na base online de periódicos da Biblioteca Nacional, estando disponível em sua Hermenoteca Digital.

A partir das narrativas selecionadas, o próximo passo foi traçar o perfil dos periódicos em que foram publicadas essas narrativas. Concluída esta etapa, iniciou-se a análise, na qual as narrativas escolhidas foram abordadas como produções que constituem não apenas reflexos e reproduções de determinadas formações sociais, mas também, como processos de criação e constituição de significados e valores. Também procurou-se compreender os textos presentes na imprensa libertária, e a sua sistematização nas narrativas que propagaram o ideário libertário, com base nos conceitos do ideal anarquista, nova sociedade, amor livre, anticlericalismo, trabalho, escola e ciência e tecnologia proposto por Woodcock (2007), Ferrer y Guardia (1912), Baldwin (1927), Hardman (2002) e Marx (1998), buscando fragmentos identitários, culturais e das apropriações intelectuais idealizadas pelos redatores e pelos articulistas libertários de *A Lanterna* e *O Despertar*.

2.1 A Lanterna

Dessa nova imprensa, nasce o jornal *A Lanterna*, de onde foi extraído parte do *corpus* para compor esta pesquisa, especificamente a produção literária *O Asno na Lua*. Essa nova imprensa, deu a propaganda social anarquista a construção de uma memória libertária; um lugar onde militantes, simpatizantes e colaboradores falassem por si. Suas publicações editoriais utilizavam como recurso as charges para compor as colunas do jornal, impondo seu discurso libertário e críticas com vista aos seus principais alvos, de forma fértil e fiel tecendo grandes críticas em relação à Igreja, ao Estado e a Burguesia.

A Lanterna podia ser visto como um semanário de orientação anti-clerical, contando com colaboradores de diversas tendências ideológicas, entre elas a libertária. Teve

sua primeira publicação datada em 07 de Março de 1901, na cidade de São Paulo, sob direção de Benjamim Mota, advogado e maçom que levou seu primeiro ciclo até 1904. Após um momento fora de circulação, o periódico retoma suas atividades, agora sob direção de Edgard Leuenroth³, circulando entre os anos de 1909 a 1917, e tem seu terceiro ciclo de circulação entre os anos de 1933 a 1953, ainda sob direção de Leuenroth⁴.

Edgar Leuenroth, refletindo sobre os objetivos do periódico e sobre as suas dificuldades de circulação, comentaria em 1913, em um momento após uma breve interrupção de circulação:

SEMEAR PARA COLHER: A todos os amigos da “LANTERNA” lembramos que, depois de a lermos é da máxima utilidade não a DESTRUIREM. Os que não a GUARDAREM, para colecionar, devem dá-la a outra pessoa. Lê-la aos que não sabem ler, DEIXÁ-LA nas fábricas, nas obras, nas oficinas, nos barbeiros, nos cafés, nos restaurantes, nos jardins, nos carros, nos trens enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, é torná-la conhecida, é fazer dela a propaganda, é conquistar novos adeptos para a nossa obra. Também todos devem arranjar NOVOS ASSINANTES E DEVOLVER a venda avulsa, afim de que possa propagar mais largamente a obra em que todos andamos empenhados (A Lanterna, nº 183, 22/03/1913, p.2).

A esse comentário de Leuenroth, podemos remeter a dificuldade de manter o periódico em circulação, assim como os demais periódicos de cunho libertário, que passavam por momentos de crise. Neste sentido, *A Lanterna* acabava por dar espaço a pequenas propagandas que não se caracterizavam como propaganda libertária, como por exemplo, a propaganda da “Emulsão Scott” que circulou por um grande período nas tiragens do jornal.

O perfil do jornal leva em conta a questão do anticlericalismo, como lemos no próprio cabeçalho do periódico a chamada: “folha anticlerical de combate”. Essa luta anticlerical também é vista como uma característica no processo da construção da nova sociedade libertária, como citado em Woodcock (2007) devido à interferência que a Igreja tinha sobre a vida das pessoas, mas principalmente sobre as crianças.

³ Leuenroth estava à frente do segundo ciclo de publicações de *A Lanterna*, após sua interrupção, funda em 1917 o jornal *A Plebe*.

⁴ Fausto (1997) relata que estas dificuldades se originavam do pouco espaço que *A Lanterna* disponibilizava para propagandas comerciais, ou seja, de onde poderiam obter um rendimento, pois o periódico era circulado gratuitamente, devido aos articulistas e o editor acharem, conforme a tradição libertária que tal atitude era uma forma de independência e de liberdade de ação o que fez, segundo Fausto (1997), com que o periódico fosse visto como “o porta- voz dos elementos da vanguarda dos ideais redentores”.

2.2 O Despertar

Outra parte do corpus desta pesquisa foi extraída do periódico *O Despertar*, publicado em Curitiba, que tinha como editor o anarquista Italiano Gigi Damiani, o qual colaborou com o periódico entre os anos de 1904 e 1905, se atendo a artigos que contemplavam os ideais anarquistas.

O perfil do jornal leva em conta a complexidade da vida social do povo. Aborda temas relativos à crítica ao Estado; as formas de condições sociais e de vida; críticas a burguesia; a defesa de uma escola racional; tecnologia e trabalho. O periódico também apresenta em suas colunas, temas relativos ao anticlericalismo, antimilitarismo e temas culturais. Destes, destaca-se uma produção literária baseada no ideal anarquista, elaborada por Gigi Damiani, intitulada *Contos Extraordinários - Do Além-Túmulo*. O jornal tinha espaço ainda para colunas como *Ironias Quinzenais*, onde aproveitava-se o espaço para publicar artigos referindo-se de forma sarcástica ao estado e a igreja, além de anúncios sobre greves e outras colunas representando o pensamento libertário. Poucas colunas tinham seus títulos fixados - diferentemente de *A Lanterna* - e eram continuas, sendo que a grande parte não obedecia a títulos. Assim a cada edição, havia variações de títulos, mas, respeitando a temática libertária.

Pelo exposto, fica claro a partir do perfil do jornal, que tratando dos ideais libertários, o desejo de transformações nas relações sociais estavam em voga. A série de textos publicados na coluna intitulada *Contos Extraordinários - Do Além-Túmulo*, de Gigi Damiani, como mencionado anteriormente, desenvolve a partir do ideário libertário uma severa crítica à sociedade capitalista, realizando uma projeção utópica da futura sociedade anarquista.

3. O ASNO NA LUA

Os temas abordados que remetem ao anticlericalismo no periódico *A Lanterna* são vistos, por exemplo, na coluna intitulada: *O que se faz nos seminários e nas paróquias: Revelações de um ex-sacerdote Don Francisco Bigliuzzi*, que circulou da primeira até a décima sétima edição do jornal, tratando sobre a moral dos padres. A coluna, de forma geral,

argumenta que os sacerdotes seriam grandes influenciadores da plebe, e que onde existir qualquer poder religioso e ligação com a Igreja, existiria a injustiça, deixando claro que a extinção da Igreja, representada pela figura do padre, teria a função de eliminar a discórdia entre o povo. Outra coluna recorrente foi o *Rol dos Culpados*, que se atinha a denúncia de irregularidades por parte das autoridades da Igreja. A foto da coluna mostra diversos membros das autoridades religiosas de costas, identificados pelas suas vestimentas, referindo-se a sua posição hierárquica dentro da Igreja.

Outro tema que se manteve em pauta no periódico foram questões ligadas a Escola. Promoviam a fundação da “Escola Moderna” em São Paulo que tinha como base, o método racional de Francisco Ferrer⁵, que era visto como de extrema importância para a luta do ensino anticlerical no estado de São Paulo. Sobre esse tema, temos as colunas intituladas *A Escola Moderna*, *A Escola Moderna em São Paulo*, *A Escola Moderna e a Clerical*, *A Renovação da Escola*, e demais títulos similares que apareciam na publicação tratando de questões sobre o novo perfil escolar, fazendo comparação do modelo existente com o novo modelo que queriam propor. Aproveitavam ainda para criticar o método atual e propor duas opções: trabalhar para que aconteça a mudança no modelo atual, ou a fundação de uma nova escola. O método de Francisco Ferrer compunha a base para o debate da escola moderna, ou nova escola, calcada em uma pedagogia de cooperação e respeito mútuo.

As colunas sobre Francisco Ferrer aparecem de forma recorrente no periódico, os articulistas dedicavam-se a relatar questões sobre sua vida e principalmente sobre sua morte e suas influências. Ferrer foi considerado o “grande martyr da educação popular” título de uma coluna dedicada ao mesmo, na primeira edição da nova fase do jornal, em Outubro de 1909. O articulista conta que o motivo de sua morte foi porque “instruir o povo é tirar fregueses aos padres”.

Uma das narrativas que serviram como propaganda libertária foi *O Jubileu*, escrito por Antonio Avelino Fóscolo. O romance retratava o uso da religião como forma de ganhar dinheiro, onde o personagem principal, o pintor Chagas, ia visitar uma festa religiosa do Bom Jesus de Matozinhos, acabando, através de um sonho, por traçar um “modelo” de

⁵ Ferrer propunha uma pedagogia que era baseada na cooperação e respeito mútuo, assim como crianças de ambos os sexos deveriam estar em conjunto dentro de uma mesma instituição – Escola – e ainda se distancia da concepção adotada pela burguesia, em relação a castigos e repressão, onde esta deveria ser substituída pela teoria libertária de construção de um novo homem e da nova mulher. [2]

sociedade, com o fim do capital e da propriedade, onde se transformaria em um novo homem, para a nova sociedade.

A partir do perfil do periódico *A Lanterna*, fica claro que os ideais anarquistas são bem representados através das narrativas contidas nas tiragens publicadas, que objetivavam a luta anticlerical na sociedade, a formação da nova escola, as questões ligadas ao trabalho, como os chamados de greve e boicotes às indústrias, a representação da ciência e da tecnologia, e as representações que esses ideais exerciam sobre o pensamento libertário.

Entre as narrativas, tiragens e propagandas que foram mencionados, destaca-se uma produção literária “escrita” por Goliardo e Ratalanga, intitulada *O Asno na Lua*, que traduzida do italiano, circulou na segunda fase do jornal, e que apresentam alguns caracteres do ideal anarquista, como o mutualismo, proposto por Proudhon, o coletivismo proposto por Bakunin, o amor livre, segundo Warren e a educação racional defendida por Ferrer.

O romance conta a história de Goliardo e Ratalanga, anarquistas e que são os editores do jornal *O Asno*; de Ventresca, um comendador; Sottogola, um presbítero; Petardo que era um militar; e mais um representante da Igreja católica. A relação entre as personagens era estabelecida através de uma viagem à Lua que fariam, utilizando um balão. O diálogo em que se envolvem, é marcado pela representação que cada personagem exerce na narrativa, sendo dois deles anarquistas, um membro representando a burguesia, um representando o militarismo e dois personagens representando à Igreja. A presença desses grupos sociais remete a crítica feita na narrativa, à Igreja, ao militarismo e ao sistema capitalista.

Ao chegar à Lua, encontraram uma civilização que transparecia ser avançada em relação a “civilização terrestre”, o que nos dá margem a interpretar duas vertentes de modelos de sociedade: a terrestre, que seria então formada por seres menos avançados e atrasados moralmente e tecnologicamente, e a “civilização lunar”, que seria superior em relação aos atrasos da sociedade terrestre, sendo socialmente, moralmente e tecnologicamente avançados.

Os habitantes desta sociedade tinham como lema a “liberdade e a igualdade”, ressaltando: “Nós, da Lua, somos vossos imediatos sucessores, somos um grau só superior a vós na escala da evolução geral: mas existem outros astros mais desenvolvidos ainda que o nosso.”⁶

⁶ A LANTERNA – Anno IV. Número 23 de Outubro de 1909. S. Paulo.

Ratalanga, ao ter contato com um habitante da Lua chamado Pensamento, o trata como Senhor, que logo intervém:

- Senhor...? Entre nós não há senhores. O ser seria uma infâmia para o entre e perigo para sociedade”⁷

Essas características iniciais aproximam-se da sociedade que era idealizada e defendida pelos anarquistas, remetendo ao ideal ao qual o teórico libertário Kropotkin se dedicara, ao afirmar que o anarquismo: "ataca não apenas o capital, mas também todas as formas de poder do capitalismo: lei, autoridade, e o Estado" (BALDWIN, 1927, p. 19.) Assim, vemos claramente no excerto acima, que os anarquistas se opõem a qualquer forma de hierarquia organizada, não se atendo apenas a do Estado.

Outro tema presente na narrativa é o amor livre, como podemos ver:

Aqui é livre o amor, não é pecado. Não é vergonha o amplexo genital: O direito de amar é sempre igual. Para ambos os sexos. E invontado. Nem a prostituição torpe o acompanha e que torna o homem mais animal do que todo animal imaginado.⁸

Esse trecho, retirado da narrativa “A Origem das Paixões”, foi declamado aos senhores da Terra, por uma senhorita habitante da Lua que critica a união material:

“A união material é de um instante, a união intelectual é o amor! A primeira sem o amor é prostituição e isso pertence à selvagem Terra, não à civilizada Lua.”⁹

Em relação ao trabalho, o comendador que representa a burguesia, observa, através de um telescópio, um operário de sua fábrica dando indícios de tomada de consciência em relação aos meios de produção e a intenção de fundar uma cooperativa. A tomada de consciência por parte do proletariado daria início a atitudes libertárias que caracterizam o socialismo como modelo ideal de uma sociedade futura, assim como Proudhon, Marx, Bakunin e Kropotkin idealizavam uma sociedade igualitária, que ia de encontro a organização capitalista e da estrutura social que a mesma impunha.

⁷ A LANTERNA – Anno IV. Número 6. Novembro de 1909. S. Paulo, 20 de Novembro.

⁸ A LANTERNA – Anno IV. Número 18. Novembro de 1910. S. Paulo.

⁹ A LANTERNA – Anno IV. Número 18. Novembro de 1910. S. Paulo.

- Sim trabalhadores! A obra da emancipação proletária está prestes a soar! A nossa nova cooperativa demonstrará aos proprietários que, se o capital nada pode fazer sem o trabalho, o trabalho pode tudo fazer. - Também na terra – disse um astrônomo lunar – começam agora a despertar.¹⁰

A propriedade privada era um dos princípios do mal na sociedade, pois a propriedade para os anarquistas representava um patrimônio em comum com a humanidade, e que devido à burguesia, esse patrimônio em comum foi descaracterizado se tornando privada, pois assim ela seria restrita e de uso de poucos.

A questão sobre como era tratado quem não respeitava as leis da sociedade Lunar, era outro ponto importante, visto na ocasião em que o militar, representado pelo personagem do capitão Petardo, agride um “cientista lunar” depois de algumas observações que ele havia feito sobre a sociedade Terrestre. Petardo não sofreu punição, mas foi conduzido a uma “imensa campina semeada de bosques, de bosquezinhos, de jardins e de alguns grandes edificios sem recinto externo”. No local descrito, se encontrava um salão de concerto e um teatro, que servia de punição aos “delinquentes ocasionaes cujas faculdades – passado o acesso momentâneo – tinham retomado o equilíbrio”. Desta forma, a morte ou a prisão não era a melhor solução, e sim “a liberdade e os cuidados fraternos”.¹¹

A critica a Igreja e a sua influência sobre os aspectos morais da sociedade é mencionada pelo habitante lunar Pensamento, como uma visão racional para explicar a religiosidade: “- Todos os phenômenos moraes da espécie primitiva pode reunir-se em uma palavra, a religiosidade.”¹². O habitante lunar atribui essa característica aos moradores da Terra, que estariam um grau abaixo dos moradores da Lua.

Ainda, sobre a religião, Pensamento conclui: “A religiosidade tem sua origem no medo: e, pois, achamos que o animal, como o homem, tem medo de todos os phenomenos que não conseguem explicar”. Ao ser questionado se a Terra poderia ter esperanças no modo de pensar, conclui: “- Emquanto vós girardes entre os muros do vosso cárcere espiritual, sem abrir a porta, nunca. [...] - Lembrai-vos a chave do vosso cárcere ella esta nas mãos dos padres!”¹³

¹⁰ A LANTERNA – Anno IV. Número 13. Novembro de 1910. S. Paulo.

¹¹ A LANTERNA – Anno IV. Número 22. Novembro de 1910. S. Paulo.

¹² A LANTERNA – Anno IV. Número 22. Novembro de 1910. S. Paulo.

¹³ A LANTERNA – Anno IV. Número 22. Novembro de 1910. S. Paulo.

Logo, a liberdade do pensamento – dos moradores da Terra - estaria ligada ao fim do clero, devido as suas influências negativas na vida das pessoas.

4. CONTOS EXTRAORDINÁRIOS

Trazemos a longa citação abaixo, com o objetivo de introduzir o leitor no estilo e lógica deste conjunto de textos:

“Contos Extraordinários - Do Além-Túmulo (comunicação espírita)
Falava o espírito pela boca do médium: - Quantas milhas fiz eu correndo sempre... com aquele pesado saco de moedas ao ombro? Quantas?
Não me lembro, não sei. Vi por duas vezes o sol descer atrás dos montes – disto lembro perfeitamente – por duas noites ouvi risadas sinistras dos chacais nas florestas. Mais eu temia as feras... Porque era meu... e muito meu... de legitima propriedade... Com as armas na mão, tinha-o conquistado... arriscando a minha vida. Ao romper da aurora do terceiro dia, porém, cai exausto, sem forças e quase morto de fome... de sede – oh! A sede! – de cansaço. Mas o saco das moedas de ouro tinha-o sempre bem apertado contra o peito, e nenhuma destas, tenho plena certeza, tinha caído.
Um homem passa a dois metros de onde eu estava sentado, um homem estranho, sem idade, magro, com crânio à guisa de torre e só vestia uma túnica... Talvez um escravo, talvez um sábio, talvez um louco, um forçado.
Chamo-o – ele se aproxima – e, quando está bem pertinho de mim, pergunto-lhe: - Onde é que há por aqui um hotel?
Respondeu-me: - Aqui não há hotéis.
- Não importa: veja alguém que me queira arranjar um pedaço de pão e uma vasilha com água... pagarei bem... tenho dinheiro... muito dinheiro...
-Dinheiro? Mas o que é o dinheiro?
...Teria eu porventura penetrado em um país selvagem? Teria, quem sabe, saído para fora da humanidade racionável? Em que planeta teria eu sido atraído? Zombava de mim aquele homem?
Não obstante isso, desatei o saco, tirei um punhado de moedas de ouro – oh! Como resplandeciam aos primeiros raios de sol... oh! As lindas moedas! – e lhas mostrei, fazendo-as tinir...
Assim mesmo o homem não compreendeu... olhou de um modo curioso aquele cintilar, sem comover-se, sem demonstrar o mínimo desejo de possuir um pouco de precioso metal, e repetiu tranquilamente: - O que é o dinheiro?
Reuni as poucas forças que me restavam, levantei-me e: pulsora da vida, o eixo da ordem social? O único meio pelo qual chega a felicidade? Vés com o dinheiro, com este – porque é dinheiro, bom, dinheiro legítimo – se abrem canais, se unem os mundos, se partem as montanhas, se chega á gloria, se conquistam nações, se fundam indústrias – se compra o amor... se vence, se goza, se vive...
- Com esse?
- Sim, idiota... Com esse... Não tendes então aqui no vosso país, se é aqui há um país, nem comércios, nem artes, nem indústrias? Do que é proveniente o vosso bem estar?
- Do trabalho!
- Pois é, do trabalho... quem é pobre trabalha, mais, quem tem desse, não trabalha mais... faz os outros trabalharem... Quem tem desse e bastante, como eu, não tem

necessidade de nada... é o padrão... são os outros que necessitam dele: os pobres! Quem desse, repito, tem tudo, também o impossível”.¹⁴

Os aspectos criticados na sociedade capitalista se tornam evidentes, como vemos no trecho acima extraído da tiragem *Do Além-Túmulo*, que narra as peripécias de um sujeito que acorda em um país utópico.

Os aspectos mencionados na narrativa servem de estratégia para uma crítica à sociedade a partir do aparato ideológico do anarquismo. Como retrata a tiragem, o sujeito anda em companhia do curandeiro, como é chamada a personagem com o qual o “hóspede do saco de ouro” conhece a nova terra. Esta terra fundamentada na crítica a autoridade, nos é apresentada, por intermédio desse “hóspede”, que nos dá uma visão sobre a ordem social presente em uma sociedade “sem lei”, formada por uma revolução social, acabando por analisar e criticar a ordem vigente.

Como crítica as estruturas sociais, família e propriedade, temos o seguinte fragmento:

- Adeus família, adeus governo e adeus propriedade. Esta é a lógica, uma vez que desconheceis e reunis debaixo do mesmo tecto seres de sexo diverso.

- Bem imaginado, meu caro hospede do sacco de ouro... bem imaginado!... Mas, poderíeis dizer-me, caro senhor, o que é a ordem social entre vós?

- Digo vós, porque certamente pertenceis a uma humanidade, mais ou menos numerosa, barbara, existente...

- Eu pertenço á humanidade que pensa como se deve.. senhor, bárbaro sois vós e os vossos companheiros... E digo mais: a humanidade sou eu porque sou parte da maioria[...]¹⁵

A burguesia é representada pelo “senhor bárbaro” remetendo ao discurso anarquista que tem este, como um sinônimo de inimigo. Hardman (2002) diz que as representações do mundo civilizado desenvolvidas pelo discurso anarquista procurava demonstrar que na sociedade capitalista preponderava uma certa desordem, calcada pela ótica da exploração.

Dando continuidade a sua peripécia, o sujeito se depara com as poucas horas de trabalho dos habitantes daquela terra:

Resolvi divertir-me a custa do curandeiro e observei-lhe:

- Está tudo muito bem. Mas o sol ainda não chegou ao Zenith (navio) e os

¹⁴ O DESPERTAR - Anno I Número 7. Dezembro 1904. Curityba, 15 de Dezembro.

¹⁵ O DESPERTAR - Anno II. Número 1. Janeiro de 1905. Curityba, 31 de Janeiro.

vossos trabalhadores de terra, bem pouco terão trabalhado, se os vejo já de volta para casa...

- Effectivamente pouco trabalham, porque as machinas que substituíram os músculos encarregam-se de sular¹⁶ a terra, de ceifar a messe...

- Vejo perfeitamente... as túnicas daquela gente são próprias de quem trabalha na terra[...]¹⁷

O mundo do qual o curandeiro faz parte remete a abordagem positiva que o movimento operário tem a respeito da tecnologia. Pois, embora o sujeito que está no mundo à parte, veja que os trabalhadores daquele “mundo” tenham aspectos físicos de quem realmente trabalha, ele atribui certo valor positivo à técnica rural utilizada e ao auxílio da máquina como tecnologia usada a favor do trabalhador, diminuindo o trabalho manual.

Assim, como ressalta Queluz (2014) constatamos certa pluralidade no pensamento libertário a respeito da tecnologia, “que normalmente transformam os significados de termos tais como máquina, técnica, meios de produção, entre outros, a respeito da tecnologia”, ao associá-los ao ideário libertário de descentralização e antiautoritarismo. (QUELUZ, 2014, p. 7)

5. CONCLUSÕES

A crítica anarquista em relação à tecnologia capitalista a mostra em alguns textos como uma grande conquista da humanidade, exercendo um papel libertador em relação ao homem, o que permite uma visão mais aberta, livre e criativa em relação aos meios de trabalho e ao uso das técnicas.

A tecnologia não é vista como um mal em potencial para os libertários, mas eles são resistentes em relação ao seu uso nos moldes capitalistas, pois, não possui uma função humana ou social. Ela é tida como um instrumento de potencialidade humana, podendo exercer certa funcionalidade libertária. Por exemplo, a própria mídia que era usada para suas propagandas sociais - lembrando que a propaganda social no pensamento libertário, exercia uma função social, e não de propaganda em seu sentido literal.

¹⁶ Assim como o SUL foi/é explorado pelo NORTE a mais de 500 anos (e isso é até hoje o motor do sistema do capital), as periferias são exploradas pela burguesia. Mão de obra barata, mais valia, exploração de pessoas e terra, as duas fontes de onde provêm toda a riqueza. [5] Sular significa ter um olhar crítico da história e perceber que a posição que ocupam hoje todos os países do hemisfério Sul não é uma mera contingência e sim obra de toda a exploração que sofremos nos últimos 500 anos. Nas Américas (principalmente Central e do Sul) tivemos a exploração de riquezas, de terra.

¹⁷ O DESPERTAR - Anno II. Número 1. Janeiro de 1905. Curitiba, 31 de Janeiro.

Na sociedade anarquista, sem um Estado, propriedade privada, autoridades e livre de um sistema capitalista, por exemplo, como nas colônias criadas por algumas correntes, ou seja, onde existe de fato um ideal libertário que é realmente atuante, onde a organização se dá entre os trabalhadores e o povo, originando a democracia direta, onde se dá essa interação dos próprios trabalhadores e do povo baseada no apoio mútuo, a ciência e a tecnologia não menosprezam o trabalhador. Em uma visão libertária positiva, a tecnologia não retira o trabalho do trabalhador, e sim, fornece auxílio que garante melhores condições de trabalho e melhores meios de produção, redução na jornada do trabalho, e melhor desenvolvimento do seu produto final.

Assim, não existe a hierarquia, que em um sistema capitalista seria representado pelo patrão e o trabalhador, além de um sistema hierárquico superior ligado ao patrão – Estado, Igreja, Burguesia, que demitiriam funcionários se apropriando de máquinas para geração de lucros. O que existe então são trabalhadores mutuamente organizados com vista ao próprio desenvolvimento e emancipação.

Os enredos dos contos *O Asno na Lua e Contos Extraordinários - Do Além-Túmulo*, entre outras narrativas dos periódicos analisados, traziam exemplos práticos da sociedade futura. Através das narrativas encontra-se certo apelo no sentido de divulgar como se faria a tomada dos meios de produção, como se dividiriam os bens produzidos e qual seria o tratamento dado aos indivíduos que praticassem atos anti-sociais, refletindo, na maioria das vezes, a influência das ideias anarco-comunistas de Kropotkin.

No contexto sócio-histórico em que se encontrava o pensamento do ideário anarquista, a sociedade anárquica era idealizada como a forma de organização perfeita, onde não existissem leis e governo. Ainda mais, podia ser entendida como um progresso, resultando dos esforços feitos em prol da sociedade, o qual todos estariam submetidos.

Por outro lado, estava o Estado, que representava um obstáculo nessa luta pela nova sociedade, e ainda, era visto como um obstáculo face a evolução humana, devido a sua intenção de promover a distinção entre os seres, além de sugar o povo. A essa evolução humana, o Estado representava algo anti-natural, devido a sociedade de classes, e a desigualdade social e econômica típico da sociedade capitalista.

No entanto, não existe uma caracterização unitária sobre essa nova sociedade anárquica, o que encontramos apenas, são pontos sobre os quais eram assentadas essas novas

relações sociais, e esse ideal de sociedade, que eram fundamentadas sempre sob a ótica da solidariedade e da igualdade.

Os textos extraídos para compor a análise, eram produzidos pelos próprios trabalhadores, como de costume entre os periódicos libertários. Assim, buscou-se nos jornais analisados, indícios da produção do ideal libertário que pudessem lançar luz aos fragmentos destacados nas análises, a fim de evidenciar um momento de grande importância para a sociedade anárquica.

Não pretendemos aqui evidenciar a existência de um processo geral ou de um mecanismo de apropriações empreendido por todos os militantes anarquistas. Ao contrário, procurou-se ressaltar a análise do complexo perfil que compunha as narrativas publicadas em *A Lanterna* e em *O Despertar*.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, R. N. *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets: A Collection of Writings by Peter Kropotkin*. Ney York: Dover Publications INC, 1927.

DESPERTAR, O. *Anno I e II*. Curityba, 1909 – 1910.

FERRER Y GUARDIA, F. *La Escuela Moderna*. Barcelona: Editora Solidaridad, 1912.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LANTERNA, A. *Anno IV*. São Paulo, 1909 – 1910.

MARX, K. *O Capital*. vol. 1, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1998. p 360 – 361.

QUELUZ, G. O que poderá fazer contra as máquinas? Tecnologia no Pensamento Anarquista Brasileiro (1900–1935). In: BELTRAN, M; SAITO, F; TRINDADE, L. (Orgs). *História da Ciência: Tópicos Atuais 3*. São Paulo: Livraria da Física, 2014, 160-179.

WOODCOCK. George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas. Vol.2: O Movimento*. Porto Alegre: L&PM, 2007.